

Indústria surpreende e torna o cenário para 2018 mais positivo

Por Estevão Tair e Bruno Villas Bôas

O crescimento mais acelerado da produção industrial no fim de 2017 deixa perspectivas favoráveis para o setor e para a atividade econômica como um todo neste ano. Em dezembro, a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física, divulgada pelo IBGE, surpreendeu e mostrou crescimento de 2,8% na comparação com novembro, pela série com ajuste sazonal. Foi a maior alta desde junho de 2013 e superou em muito a média das estimativas de 24 consultorias e instituições financeiras consultadas pelo Valor Data, que era de 1,7%. No ano de 2017, a indústria cresceu 2,5%, após três anos de queda.

"O ano começa com uma tendência de recuperação mais vigorosa da indústria. É um ano que deve ser mais favorável em termos de recuperação do emprego, rendimento das famílias, normalização do mercado de crédito, e com a inflação em um patamar baixo e juros permanecendo nas mínimas históricas", diz Rafael Cagnin, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Entre o terceiro e quarto trimestres de 2017, a produção industrial registrou crescimento de 1,9%. Foi o ritmo mais veloz do ano, acima dos três primeiros trimestres, quando a expansão foi de, respectivamente, 1,3%, 1,2% e 1,3%. Só essa alta do último trimestre de 2017 já deixa herança estatística de 2% para os três primeiros meses de 2018. Isso significa que, se entre janeiro e março o setor permanecer no mesmo nível de dezembro, a produção crescerá 2%. Os cálculos são de Marco Caruso, economista-chefe do Banco Pine.

Apesar dos números positivos e da expectativa de crescimento, os economistas adotam cautela ao analisar a recuperação do setor em prazos mais longos. "Ainda não há muito o que comemorar", diz Luis Afonso Lima, economista-chefe da Mapfre Investimentos. "O nível está super baixo, estamos saindo do fundo do poço".

Ele calcula que a produção industrial crescerá 3% em 2018. Mas no curto prazo fatores como a eleição, a capacidade ociosa ainda alta, o encolhimento do BNDES e o alto endividamento das empresas limitam a retomada. Em um prazo mais longo, segundo ele, a recuperação do setor pode ser "de fôlego curto" e "não sustentada", dados os atuais patamares das taxas de investimento e poupança.

INFORME

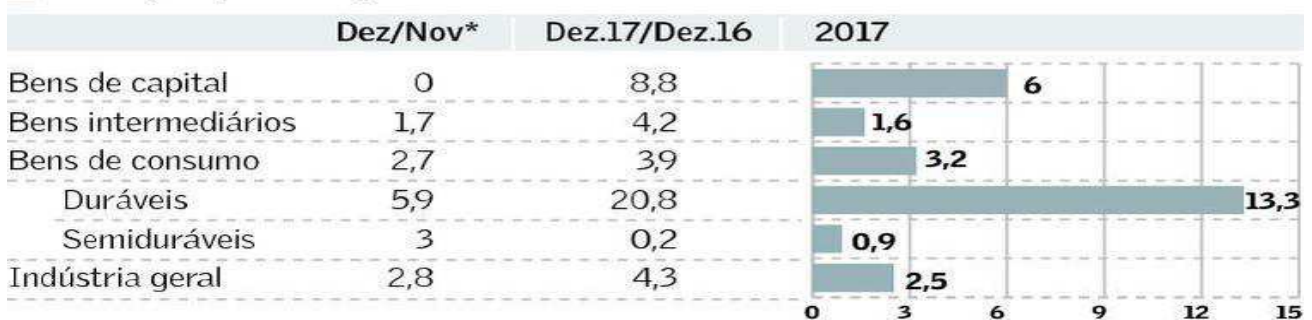
Voltando ao azul

Indicadores selecionados da produção industrial em 2017 – Em %

■ Evolução da produção no acumulado em 12 meses



■ Produção por categorias de uso



Fonte: IBGE. Elaboração: Valor Data *Com ajuste sazonal

A equipe econômica do Itaú Unibanco avalia, em relatório, que a recessão mudou a composição da indústria, dificultando o cálculo dessazonalizado no fim do ano. Por isso, o crescimento de 2,8% de dezembro em relação a novembro deve ser encarado com "cautela". Mesmo assim, o banco destaca que setores ligados ao investimento, como insumos típicos da construção civil, seguem em crescimento consistente com a recuperação gradual da atividade.

O desempenho da indústria no fim do ano passado pode também ter reflexos no PIB do quarto trimestre, a ser divulgado em 1º de março, de acordo com André Macedo, gerente da coordenação da indústria do IBGE. Para ele, diversos "tipos de comparação mostram uma aceleração da indústria no fim do ano". "Todos os sinais recentes da indústria têm reflexos positivos sobre o PIB", diz. Ele pondera, no entanto, que o PIB industrial não necessariamente será igual à produção do setor.

INFORME

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) calcula crescimento de 1,2% do PIB industrial no quarto trimestre, resultado que, se confirmado, será o melhor para o período desde 2010 (1,4%). Mesmo assim, a instituição espera estabilidade do PIB do setor em 2017. Para 2018, a expectativa é de um crescimento robusto, de 3,7%. "A incerteza que ainda permanece é a eleitoral, que pode trazer alguma volatilidade neste ano", diz Leonardo Mello de Carvalho, economista do Ipea.

Setor cresce 2,5% em 2017, depois de três anos em queda

Após três anos de perdas, a indústria fechou 2017 com crescimento acumulado de 2,5%, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física, do IBGE. A produção do setor não crescia de forma tão acelerada desde 2010, quando teve expansão de 10,2%. Apesar de positivo, o resultado reduz apenas parte da queda acumulada de 2014 a 2016, de 16,7%.

Em dezembro, quando comparada a dezembro de 2016, a alta da produção industrial foi de 4,3%. Em relação aos três meses anteriores, a produção cresceu 1,9% no quarto trimestre, a maior nesse tipo de comparação em qualquer um dos trimestres do ano. Para André Macedo, gerente da coordenação de indústria do IBGE, o desempenho no quarto trimestre confirma a tendência de melhora do setor ao longo do ano passado. "Vínhamos com resultados negativos em anos anteriores, mas os números mostram 2017 claramente com um ritmo diferente. Isso vale basicamente para qualquer comparação feita", disse Macedo, lembrando também que, ao longo de todo o ano, houve queda na margem em apenas dois meses.

Entre as grandes categorias econômicas, os principais destaques foram bens duráveis e bens de capital. O primeiro grupo cresceu 13,3% na comparação com 2016. Automóveis (20,1%) e eletrodomésticos (10,5%) foram os principais responsáveis por esse avanço. A produção de bens de capital, por sua vez, acumulou alta de 6%. Nesse caso, o avanço está ligado ao desempenho da produção de bens de capital para equipamentos de transporte (7,9%), de uso misto (18,8%) e para construção (40,1%).

Na categoria de bens de consumo semiduráveis e não duráveis, houve avanço de 0,9%. Já entre os bens intermediários a alta foi de 1,6%. "Todas as categorias tiveram alta, e não só isso. Elas mostram trajetórias crescentes", disse Macedo. Além do bom desempenho na passagem de novembro para dezembro, o IBGE revisou para cima o resultado de meses anteriores. A produção de agosto passou a ter uma queda menor, de 0,3%, ante queda de 0,6%. O número de novembro foi revisto de 0,2% para 0,3%.

INFORME

O crescimento da produção da indústria aconteceu também de maneira disseminada em 2017. Ao longo do ano, 19 dos 26 ramos, 51 dos 79 grupos e 56,4% dos 805 produtos pesquisados tiveram alta na produção em relação a 2016.

Nos 12 meses, a produção de veículos automotores, reboques e carrocerias se destacou entre os ramos pesquisados e cresceu 17,2%. Foram também decisivos os segmentos de indústria extrativa (4,6%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (19,6%), metalurgia (4,7%), produtos alimentícios (1,1%), produtos de borracha e material plástico (4,5%), celulose, papel e produtos de papel (3,3%), máquinas e equipamentos (2,6%) e produtos do fumo (20,4%).

Uso de capacidade industrial atinge 78% em dezembro

Por Lucas Marchesini

O nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) da indústria brasileira subiu 0,1 ponto percentual entre novembro e dezembro, com ajuste sazonal, chegando a 78%. Os números são da pesquisa Indicadores Industriais, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Na comparação com dezembro de 2016, quando o uso da capacidade foi de 76,7%, na série com ajuste sazonal, o Nuci da indústria subiu 1,3 ponto percentual. "A recuperação da atividade industrial segue em curso, com variações positivas dos índices de atividade industrial", afirma a entidade.

As horas trabalhadas aumentaram 0,8% entre novembro e dezembro. Em relação ao mesmo mês do ano passado, o indicador recuou 1,1%. O faturamento real do setor, por sua vez, subiu 0,2% entre os dois últimos meses de 2017. Na comparação com dezembro de 2016, ele avançou 3,2%.

O indicador de emprego avançou 0,3% em dezembro ante novembro, também na série dessazonalizada, e caiu 0,4% na comparação com dezembro de 2016. A massa salarial caiu 0,6% ante novembro e 0,4% frente a dezembro de 2016. O rendimento médio real recuou 0,4% na passagem de novembro para dezembro e cresceu 0,1% na comparação entre dezembro de 2016 e 2017.

(Fonte: Valor Econômico – 02/02/2018)

DECISÕES

DCIwww.dci.com.br

Trabalhadora que foi afastada após licença será indenizada

DA REDAÇÃO SÃO PAULO

Uma funcionária da Potencial Serviços de Telefonia, que retornou de licença médica e foi mantida sem qualquer atividade por mais de 30 dias, deverá ser indenizada em R\$ 15 mil por assédio moral.

A decisão é dos desembargadores da 3ª Turma do TRT do Paraná, que consideraram vexatória e humilhante a situação de ociosidade forçada que foi imposta pela empregadora.

Admitida em setembro de 2013, a supervisora, de Curitiba, sofreu acidente de trabalho em fevereiro do ano seguinte, permanecendo afastada pelo INSS por 120 dias. Com o fim da licença previdenciária, a empregada assumiu novamente o posto de trabalho em junho de 2014, mas não desempenhou qualquer atividade profissional até o dia 8 de julho, quando pediu a rescisão indireta do contrato.

Para os desembargadores da 3ª Turma, que analisaram o caso, a situação a que foi submetida a trabalhadora fere a sensibilidade do homem normal. Os magistrados confirmaram o entendimento do juiz Ricardo José de Campos, da 7ª Vara de Curitiba, e consideraram que os acontecimentos relatados geraram danos à intimidade e à dignidade da supervisora.

Além de condenar a empresa a ressarcir os danos em R\$ 15 mil, os magistrados reconheceram a rescisão indireta do contrato de trabalho, situação em que uma falta grave praticada pelo empregador justifica o rompimento do vínculo empregatício por parte do empregado. Cabe recurso.

(Fonte: DCI – 02/02/2018)